

# Choque seguiu idéias de Sachs

Maurilo Clareto/AE—14/4/93

Jeffrey Sachs, economista de Harvard e membro do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, foi consultor dos governos da Polônia, Bolívia e Costa Rica e atualmente assessora o governo da Rússia. Em abril, veio ao Brasil participar de seminário promovido pelo Estado, Jornal da Tarde e Instituto Fernand Braudel.

Em outubro de 1989, a inflação mensal na Polônia foi de 54%. Com o plano econômico adotado em janeiro de 1990, a taxa caiu para 30% ao ano. Para o Brasil, Sachs receitou uma abertura comercial "mais extremada". A seguir, algumas das suas idéias:

■ "Defendo a abertura imediata da economia ao comércio internacional. Essa medida foi positiva para a Polônia, que reduziu as tarifas de importação para menos de 20%. Em poucas semanas, existia de fato um mercado em ação no país." (setembro



## Jeffrey Sachs

### *"Defendo a abertura imediata da economia"*

de 1990);

■ "A inflação brasileira ainda é alta, acima de dois dígitos por mês. Ela terá de cair ainda mais e isso só será possível com recessão. É preciso aprofundar a recessão para

acabar com a flexibilidade de preços e salários." (setembro de 1990);

■ "Quando dou palestras na Europa Oriental e na América Latina, falo dos mesmos quatro pontos que considero fundamentais à economia de países em desenvolvimento: estabilização macroeconômica, liberalização, privatização e negociação da dívida externa." (setembro de 1990);

■ "Já se fez bastante no Brasil, mas a estabilização não começou. Hoje é mais fácil do que há cinco anos, com altas reservas cambiais, abertura, progressos na privatização e algum ajuste fiscal." (abril de 1993);

■ "A abertura da economia brasileira deve ser mais extrema. A concorrência deve ser agressiva. Não faz sentido ser gradualista onde há pouco mercado." (abril de 1993);

■ "O Brasil será o último país da América do Sul a pôr a sua casa em ordem." (abril de 1993).